

ESPAÇO FEMININO (1800-1850)

Miriam Lifchitz Moreira Leite (*)

ABSTRACT

Brazilian Historiography has incorporated the stereotype about the reclusion of women, in the nineteenth century. Research about foreign travellers, that arrived in Rio de Janeiro, from 1801 to 1900, suggested (as the analysis of the books of Rose de Freycinet, Maria Graham, Mme. Langley Dufresnoy, Baronesa de Langsdorff and Ida Pfeiffer in the article below shows) that inner and closed spaces, have always been preferential feminine spaces, in almost all social groups, and were neither specific of Ibero-brazilian behavior, nor so generalized as has been long accepted.

Diz bem por isso o rifão:
Do homem a praça, da mulher a casa.

D. Francisco Manuel de Mello
Carta de Guia de Casados (1651)

Uma jovem que quer ser respeitada deve ser
como sopa de hospital, que tem poucos olhos.
É necessário que seus olhos sejam modestos
e não se volvam de um lado para outro.

Padre Santa Clara
Pregador alemão do século XVIII

No século XIX, os viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil ⁽¹⁾, legaram à bibliografia testemunhos e reflexões sobre a reclusão

(*) Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

(1) Estes apontamentos fazem parte do levantamento da literatura de viagem, realizado para o Projeto *Antologia Crítica da Documentação sobre Mulheres nos viajantes do século XIX*, apoiado pela Ford Foundation, Fundação Carlos Chagas e agora pelo CNPq. Até agora (dezembro de 1979) foram localizados oitenta livros de viagens, entre 1800 e 1850, com referências às mulheres encontradas no Rio de Janeiro (cidade e província). Desses 80, os 5 escritos

da mulher. A freqüência com que foi apresentado esse padrão de comportamento fazia supor que se tratasse de uma característica específica da população ibero-brasileira, inexistente nos países de origem dos autores e que vinha surpreendê-los no país visitado.

Contudo, as obras *das* viajantes que passaram pelo Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, proporcionaram elementos para repensar essa proposição. Nem a reclusão da brasileira era tão rígida, quanto os autores deram a entender, nem a situação das européias que visitaram o Brasil diferia tanto, quanto a literatura de viagem deixava supor.

Mesmo limitando as observações dos autores à população branca e abastada que captou o seu interesse, a reclusão referida era mais uma perspectiva desfocalizada de estrangeiro diante de uma realidade fragmentária vislumbrada. O que lhes parecia reclusão das brasileiras era antes uma participação social em esferas distintas da vida da comunidade e da família e uma engrenagem diferente entre a esfera doméstica e a esfera pública da população como um todo.

As viajantes que estiveram no Brasil, entre 1800 e 1850 — exemplos extremos de variação da norma vigente, como mulheres que além de ter saído de casa, saíram do país —, deixaram transparecer, através dos diários, que a limitação da mulher ao domínio privado não era um padrão de comportamento peculiar à Colônia escravista, em vias de se europeizar, mas uma estruturação de relações interpessoais, estabelecida de diferentes maneiras em situações diversas. A análise da obra dessas cinco autoras, de vários níveis sociais, provenientes da França, da Inglaterra e da Áustria pós-Revolução Francesa, em estágios desiguais de industrialização, revelou que o espaço social da mulher era constituído por recintos abrigados ou internos e demonstrou que a abertura do espaço público, quando ocorre, era feita sempre através da mediação masculina.

O fato de se lidar com um período histórico extenso (1800-1850), de onde se procura extrair uma norma de comportamento social, através da produção literária, é, simultaneamente, uma temeridade e um desafio. A condição feminina, sua história e seus traços constantes, sua existência por si mesma ou em função dos grupos sociais de que faz parte, ainda é tão mal conhecida que obscurece a determinação de fronteiras entre o histórico, o sociológico e o psicológico. Neste caso, de uma norma de comportamento social que parece ter tido um caráter constante ou intermitente nas relações interpessoais, ela aparece descrita de maneiras heterogêneas, em determinado período, e é aqui explicitada através de uma análise psicológica da produção intelectual de cinco mulheres: Rose de

por mulheres européias estão aqui analisados, por serem significativos para o entendimento do espaço reservado à mulher européia de então. A Antologia de textos, precedida de uma introdução de análise da documentação referente à mulher, extraída da literatura de viagem, agora entregue à Editora Avenir, Rio de Janeiro, passou a se chamar *Aspectos da Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX*.

Freycinet (1817)⁽²⁾, Maria Graham (1821), Langlet-Dufresnoy (1837), Baronesa de Langsdorff (1842) e Ida Pfeiffer (1846).

Foram examinados alguns componentes sociais, econômicos, psicológicos e literários das autoras, como documentação subjacente para uma possível história da mulher no século XIX. Nestes apontamentos, destacaram-se as características do isolamento da mulher européia, da primeira metade do século XIX, as formas de rompimento do padrão e a reação social a esse rompimento.

Os diários de viagem explicitaram tanto a expectativa de recolhimento da mulher à esfera privada, quanto o predomínio da família consanguínea (ou linhagem) sobre a família nuclear, nessa primeira metade do século XIX. Não se trata de referências a normas jurídicas, nem sequer de jurisprudência firmada, mas a costumes que ficam latentes da pena das autoras. A oscilação que a vida de família sofreu entre a esfera pública e a privada⁽³⁾ passa, no século XIX, por um processo de interiorização, que termina por confundir a vida da família com a casa (domus), confinando-se a vida doméstica ao núcleo de relações e sentimentos dos habitantes de um local, abrigado e fechado por muros e pessoas em oposição às relações e sentimentos que se estabelecem fora da casa. Do lado de dentro, a mulher criou um mundo seu⁽⁴⁾, que transmite aos filhos e impõe aos subordinados, ligado ou não ao mundo de fora, conforme as relações econômicas e sociais com o pai, o marido e os filhos. Essa divisão de esferas se reflete na oposição entre a esposa e mãe (rainha do lar) e a mulher pública, a mulher da rua — a que fica fora da casa. Essa divisão transparece nas expectativas de comportamento inibido, contido e composto, decorrente do espaço abrigado e limitado destinado à mulher doméstica e deve afastá-la de todas as maneiras do destino da mulher pública, de quem se espera comportamento, pensamento e ações perigosas e tentadoras, projetadas num espaço povoado, a que todos os homens têm acesso. Às vezes, esses comportamentos e espaços se aproximam e até se confundem, sem deixar de exprimir uma tendência. A ascensão social da mulher pública leva-a a adotar os padrões prescritos para a doméstica e esta, quando reage aos padrões aceitos, adota freqüentemente o comportamento e a indumentária características da outra.

A redução do espaço feminino à esfera privada, em alguns momentos e entre determinadas populações, limita-se a locais ou aposentos. Em certos casos, envolve da indumentária à educação e em outros, abrange os movimentos, o olhar e a palavra. Num local como o teatro (recinto público), a mulher de família ficava nas frisas e camarotes, cercada por membros masculinos da família, enquanto a platéia (a praça) era desti-

(2) Data de chegada no Rio de Janeiro.

(3) Philippe Ariès — “Da família medieval à família moderna”, in *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, pp. 408-461.

(4) Georg Simmel — La “Casa”, in *Cultura Feminina*, pp. 41-46; de Fourastié, Jean — *Para uma moral prospectiva*, pp. 15-44.

nada aos homens. À rua só saía acompanhada, ou cercada por parentes ou subordinados.

No século XIX, com todas as transformações da vida social e de família, esperava-se que a mulher exercesse a função de criar os filhos e zelasse pelos pais na velhice, como um elo da linhagem, sendo mais poderosas as exigências nesse sentido que as da família nuclear, constituída aos poucos por livre escolha dos cônjuges. Era menos o homem escolhido que estabelecia o espaço social da mulher, que a família consanguínea, para quem a mulher continuava o elo de preservação. Embora seja um período de um isolamento progressivo da família conjugal ou nuclear (marido, esposa e filhos), verificou-se nestas autoras, o poder da família consanguínea e da ligação através das gerações pelas mulheres.

Rose Marie Pinon de Saulces de Freycinet (1794-1832) ⁽⁵⁾, francesa de saúde frágil, deixou um diário de viagem escrito durante os três anos da expedição de circunavegação que realizou a bordo do *Uranie*, capitaneado pelo marido, Louis-Claude de Freycinet.

Tratava-se de uma viagem científica, com a duração provável de três a quatro anos, em veleiro, com a possibilidade (que se concretizou) de naufrágio próximo a terras selvagens ou desertas, revoltas da tripulação e combates com piratas. De acordo com Arago ⁽⁶⁾, que tomou parte na expedição como desenhista, Rose de Freycinet conseguiu manter uma distância atenciosa com relação à tripulação, omitindo-se voluntariamente, em benefício de todos, sem demonstrações de fraqueza diante dos perigos, procurando ajudar com remédios e alimento os enfermos e a marinhagem exaltada.

Aos 23 anos, Rose resolveu participar da missão científica do marido, enfrentando a desaprovação geral, das autoridades oficiais à família. Foi a primeira mulher francesa a dar a volta ao mundo. As providências tomadas para seu embarque, em Toulon, tiveram todas o sentido de burlar uma proibição total. Rose partiu sem avisar a família, nas trevas da noite, após cortar os cabelos e vestir-se de marinheiro, roupa que conservou até a passagem de Gibraltar. A pedido da prima, escreveu um diário, tentando descrever o que lhe fosse ocorrendo.

O isolamento da jovem no ambiente masculino da fragata pode ser simbolizado pelo nome de Rose, dado a uma pequena ilha no Oceano Pacífico. Mas aparece melhor no trecho de *Souvenirs d'un Aveugle*, de Arago ⁽⁷⁾, em que este consola Rose:

Mas não se preocupe. Se ocorrer uma infelicidade e Madame estiver fadada a sobreviver vosso marido, estes homens, Ma-

(5) *Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet...*

(6) Arago, J. — *Souvenirs d'un Aveugle*, t. III, pp. 1-12.

(7) Arago, J. — *op. cit.*, p. 12.

dame, não de respeitá-la como se respeita a mulher virtuosa, atirar-se-ão a seus pés como aos pés da Madona! Coragem. Vou levar-lhes socorro, ou seja, aguardente. . .”

A coragem e a dedicação que a fizeram enfrentar as autoridades francesas, afastar-se da família, submeter-se a perigos físicos e mentais deixaram marcas. Em 1820 ⁽⁸⁾, já na volta, registrou no diário que perdera a alegria, enquanto o marido voltava satisfeito, com a consciência tranqüila. Embora agindo em nome de sentimentos louvados na mulher (os de esposa fiel, disposta a partilhar os bons e maus momentos), Rose tivera a audácia de penetrar num universo proibido e ameaçador.

28 de junho (1820)

Acho que nunca terei paciência para chegar ao fim; às vezes, penso que a paciência está prestes a se esgotar e a que me resta está perturbada, pois qualquer coisa me impacienta e encoleriza, e antes, isso raramente me acontecia.

De volta a Paris, retomou seu papel de esposa, cuidando do marido até morrer em 1832, numa epidemia de cólera. Em 1927, 107 anos depois, foi publicado o seu diário. O livro de Louis de Freycinet, que sobreviveu 10 anos à morte de Rose, é uma obra em 8 volumes, foi publicada em 1825 e nem sequer menciona a presença da esposa na expedição.

Maria Graham (1785-1842) é a mais conhecida das viajantes da primeira metade do século XIX. Está traduzida para o português e já foi comentada e citada por diversos historiadores do período em que esteve no Brasil (de 1821 a 1824). Era uma escritora com obras publicadas antes e depois do diário de viagem. Veio com o marido, capitão da fragata *Doris*, implicado nos movimentos de libertação política da América do Sul. Em 1821, depois de passar pelo Rio de Janeiro, foi para o Chile, onde o marido faleceu. Voltou ao Brasil e manteve relações políticas e de amizade com vários participantes do movimento da Independência.

Viveu no Rio em contato com a colônia inglesa, com as famílias de altos dignitários da Corte. A obra de Maria Graham não se destaca apenas entre os diários de viagem escritos por mulheres. É uma obra significativa dentro do gênero de literatura de viagem. Não só pela consciência do papel do escritor, pela preocupação com o público, como por seu nível de percepção e informação. Os desenhos que esboçou e estão reproduzidos na tradução brasileira do Diário, constituem outra contribuição para o conhecimento dos locais que visitou.

(8) Rose de Freycinet — *op. cit.*, p. 175.

Tinha 36 anos ao chegar ao Rio. O livro de viagem, publicado em Londres em 1824, contém sua profissão de fé de escritora, e, através dele, registra aspectos da condição feminina ⁽⁹⁾:

Ainda que a idéia de uma eventual publicação não tenha sido estranha à redação deste diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada de muitos meses naquele país, muitas circunstâncias imprevistas obrigaram ainda a autora a revê-lo, antes de ser entregue ao prelo, bem como a cancelar muitas páginas que afixavam acontecimentos públicos e privados.

(...) A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. Mas, sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem certa dose de mal, espera ter sempre encarado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição.

(...) Confia ela em que, se *toda a verdade* não for encontrada em suas páginas, não haverá ali *senão a verdade*".

(...) Não posso pretender falar do caráter da administração desses ou quaisquer outros ministros portugueses ou brasileiros. Minhas oportunidades de informação foram muito raras. Meus hábitos, como mulher e estrangeira, nunca me conduziram a situações onde pudesse adquirir o necessário conhecimento ⁽¹⁰⁾.

(...) não acho honesto, nem feminino, aceitar a proteção das leis e as boas graças de um país estrangeiro e, em seguida, registrar as fraquezas de seus habitantes, para dar a outros a oportunidade de rir deles ⁽¹¹⁾.

Por mais freqüente que seja a prática de antepor ao livro de viagem a história do país, poucos o fizeram com a mesma adequação.

Para melhor compreensão dos acontecimentos políticos de que fui testemunha ocular, julguei necessário antepor o seguinte esboço da História do Brasil ao meu diário de viagem.

Schlichthorst, mercenário alemão que a encontrou a desenhar nos arredores do Rio, referiu-se a ela (1826) como a alguém a quem o mundo

(9) Maria Graham — *Diário de uma Viagem ao Brasil...*, prefácio, p. XIII.

(10) Maria Graham — *op. cit.*, p. 65.

(11) Maria Graham — *op. cit.*, pp. 253-254.

das letras devia um “esplêndido quadro do estado moral e social do Brasil” e alegrou-se ao encontrar inesperadamente pessoa tão interessante na “profunda solidão duma natureza silvestre”⁽¹²⁾. Um século depois, J. F. de Almeida Prado considerava “a inglesa Maria Graham, pertencente à espécie *bas pleu*, ou melhor, sabichona, a um tempo pintora, educadora e literata⁽¹³⁾, precursora da calamidade que atualmente assola o Rio de Janeiro”.

A correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina, publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* (vol. 50, 1938), permitiu que se compreendesse a situação ambígua dessa escritora viúva, amiga de Lord Cochrane e colaboradora de Martius na *Flora Brasiliensis*. Viver na Corte do Rio de Janeiro, tentando opor suas idéias de educação da herdeira dos Bragança às de Francisco Gomes da Silva (o Chalaça), proporcionou-lhe uma ampla perspectiva de uma política mal estabelecida, mas não admitiu o prolongamento de sua permanência no Brasil.

Ao que tudo indica, não foram suficientes as precauções de Maria Graham em se comportar com a modéstia e a discrição esperadas na mulher. O peso da obra realizada e a atuação da educadora e da artista fizeram com que rompesse os padrões de “omissão” socialmente exigidos.

Langlet Dufresnoy (1820- ?) é a autora sobre a qual menos informações se encontrou. O livro de 100 páginas⁽¹⁴⁾ é um testemunho diferente dos outros — as desventuras dessa jovem de 17 anos são tantas, que embora diluídas pelos quinze anos (1837-1852) durante os quais percorreu o Brasil, fizeram suspeitar de que se tratasse de uma obra de ficção. Talvez a dedicatória à National Academy of Great Britain e a inclusão da carta de 1853, do cônsul francês na Bahia, tenham tido a intenção de lhe dar maior caráter de verossimilhança. Também alguns pormenores da vida levada no Brasil contém um cunho acentuado de experiência vivida.

Chegou ao Rio de Janeiro recém-casada com um homem ambicioso, disposto a enriquecer. Seus contatos com médicos, o corpo diplomático francês, comerciantes e colonos franceses e a proteção que recebeu do Presidente da Província e Bispo de Cuiabá, após o afogamento do marido, foram diferentes dos contatos das outras viajantes. As outras também tiveram contatos públicos, mas sempre mediados pela proteção do marido ou de uma autoridade do país de origem. A condição social e econômica diferente apresenta-se nela, através dos esforços para enriquecer e sobreviver que constituem o fio condutor e a razão de ser do livro. É isso que permite salientar, nas outras autoras, a ausência da preocupação com a sobrevivência. As demais, provindas de uma faixa de renda mais

(12) C. Schlichthorst — *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*, pp. 190-191.

(13) J. F. Almeida Prado — *Tomas Ender...*, p. 148.

(14) Mme. Langlet Dufresnoy — *Quinze ans au Brésil...*

alta, estavam liberadas, pelas condições materiais para se entregar à nobre tarefa de escrever.

O livro escrito anos depois da volta à França, claramente destinado ao público, pode ter deformado as observações da autora. Mas se essas deformações existem, elas ocorrem no sentido da apresentação de uma auto-imagem positiva, ou seja, de apresentar-se como um paradigma das virtudes apreciadas na mulher. É ao exprimir os padrões de comportamento e aspirações convencionais da mulher que o livro traz uma contribuição para estas notas.

Cumpridora dos deveres de esposa, abandonou os parentes, os amigos e a pátria para tornar mais suportáveis as dificuldades do marido. Convencida de que com poupança, ordem, cálculo e previsão fariam fortuna, vendeu armazéns franceses no Rio, cuidou de uma pequena propriedade agrícola a 9 léguas da cidade. Preparou plumas e empalhou pássaros que o marido caçava para coleções de História Natural e para exportar. O marido foi negreiro em Santos, enquanto esperava o fim da Revolução de 1842 em São Paulo, para ir mineirar em Diamantino, Mato Grosso. Vestida de homem, única mulher do grupo, penetrou o sertão. Quando o marido se afogou, ficou em Cuiabá costurando, fazendo chapéus e empalhando pássaros, até o momento de voltar à Europa. O livro termina pedindo perdão aos parentes pela ausência no momento em que morreram, em nome do que sofrera nas viagens longínquas.

Como no caso de Rose de Freycinet, o amor conjugal não fora suficiente para justificar o afastamento dos deveres para com a família consanguínea.

Ao descrever seus sofrimentos, Langlet Dufresnoy cumpriu pela metade o que cabia às mulheres do século XIX: "suffer and be still"⁽¹⁵⁾ ou, na versão portuguesa — que sejam caladas e sofridas. Pois proclamou em cem páginas os seus sofrimentos.

A Baronesa de Langsdorff⁽¹⁶⁾ não é Maria, mulher de Georg von Langsdorff, cônsul russo, que Rose de Freycinet visitou diversas vezes no Rio de Janeiro. Era filha do Conde de Sante Aulaire, embaixador francês em Londres, casada com Émile, Barão de Langsdorff, senhor de terras no Funel, França, ministro plenipotenciário do Rei dos Franceses, junto à Corte Imperial do Brasil.

Seu diário foi escrito entre 1842 e 1843, quando veio acompanhar o marido na missão de negociar o casamento do príncipe de Joinville com a princesa D. Francisca, irmã de D. Pedro II. Permaneceu um manuscrito até 1954, quando um neto permitiu a publicação a *Les Amis des Musées*

(15) Martha Vicinus (ed.) — *Suffer and be Still: Women in the Victorian Age*, pp. 173-206; Veríssimo, J. — *A Educação Nacional*, pp. 139-173.

(16) *Journal de la Barone E. de Langsdorff... (1842-1843)*.

de la Marine, interessados pela contribuição apresentada sobre a vida a bordo nos últimos tempos da navegação a vela.

Nos seis meses em que permaneceu no Rio de Janeiro e manteve contatos quase exclusivos com a Corte e com o Corpo Diplomático inglês e francês, a Baronesa escreveu um copioso manuscrito que se caracteriza pela riqueza de observação e pela penetração psicológica. Desde as primeiras páginas, aparece o interesse pelas relações interpessoais. Ao lado de dados sobre o tempo transcorrido, os ventos que sopravam e as condições de bordo, existem transcrições de diálogos sobre os objetivos da vida e padrões de comportamento.

A missão de Émile de Langsdorff era delicada e exigia participação da Baronesa. As cartas anexas ao diário revelam a aproximação, a avaliação de possibilidades, as condições do contrato matrimonial e o acerto dos pormenores do casamento e da mudança da princesa brasileira para a França, como partes de uma estratégia planejada e pormenorizada.

Ida Reyer Pfeiffer (1795-1858)⁽¹⁷⁾ chegou ao Brasil com 51 anos, por ocasião de sua terceira viagem e primeira ao redor do mundo.

A vida que levou antes de iniciar as viagens, aos 47 anos, não permitiria supor que, na maturidade, chegasse a realizar seus pendores juvenis. Casou-se em 1820, com 25 anos, com um homem bem mais velho e teve dois filhos. Depois de viúva, com as economias de vinte anos, iniciou a sucessão de longas expedições que sempre desejara fazer.

Considerava que, tendo nascido no fim do século XVIII podia viajar só⁽¹⁸⁾. E fazia questão de acentuar: “E voltei”. Esse só, *por si mesmo*, é explicitado por ser uma temeridade. Na realidade, quase sempre quis dizer — sem a proteção de algum membro da família. As excursões exigiam companheiros e guias. Além disso, a delimitação da mulher respeitável ao âmbito privado exigia, em suas incursões no domínio público, a mediação de parentes, amigos, autoridades diplomáticas ou subalternos encarregados de sua proteção.

Ida Pfeiffer registrou suas intenções e as reações provocadas por suas viagens.

Sei apenas narrar sem arte ou ornamentos o que me aconteceu, o que vi, e quando quero fazer um julgamento, só posso fazê-lo do ponto de vista de minha opinião pessoal.

Talvez haja quem pense que a vaidade foi a única razão para uma viagem tão longa. Nada tenho a responder; apenas os desafio a fazer o que fiz; então hão de se convencer que, para

(17) Ida Pfeiffer — *Voyage d'une femme autour du monde...*

(18) Ida Pfeiffer — *op. cit.*, p. II.

se expor de coração leve a tais privações e perigos, é preciso estar animado da paixão autêntica pelas viagens e ter o invencível desejo de se instruir e explorar países até agora desconhecidos ⁽¹⁹⁾.

Embora o contraste entre essa mulher bem educada e as aventuras que relatou tenham despertado grande interesse, a aceitação dessa vocação tardia não deve ter sido geral, como se depreende de suas palavras:

É engraçado pensar em todos os que imaginam que devo ser muito masculina. Como me julgam mal! Você, que me conhece, sabe que os que esperam me ver com seis pés de altura, maneiras grosseiras e pistola à cinta, descobrirão em mim uma mulher tão tranqüila e discreta quanto a maior parte das que jamais puseram o pé fora de sua aldeia! ⁽²⁰⁾.

A defesa que a autora faz de seu direito de viajar só e de sua feminilidade (até no título do livro), parecem mais uma resposta a observações que lhe foram feitas que uma necessidade de revelar a verdade. Affonso de Taunay (1942) ⁽²¹⁾ considerou esclarecedor contar que Ida Pfeiffer, só aos treze anos, consentira em usar os trajes de seu sexo. Contudo, as recomendações da autora aos viajantes seguintes, do que deveriam levar numa viagem por veleiro, constituem a própria essência do espírito da dona-de-casa. Nada tão burguesmente feminino que o aviso, entre outros, de que se deve levar roupa de cama de cor, pois,

como é um marinheiro o encarregado da lavagem de roupa, imagina-se facilmente que não ficará bem alvejada.

Além da preocupação com o trabalho “doméstico”, aflora a pressuposição de que um marinheiro-homem não é capaz de fazê-lo adequadamente.

Com tudo isso, revelou uma aceitação da distinção psicológica e intelectual entre os sexos quando, ao analisar a diferença de inteligência e educação entre brancos e negros e o perigo representado pela superioridade numérica da população negra do Rio de Janeiro, declarou ⁽²²⁾:

... a mulher não tem suficiente capacidade para julgar estas questões: não estão a seu alcance.

(19) *Ibid.*, p. XI.

(20) *Ibid.*, p. V.

(21) Affonso d'E. Taunay — *Rio de Janeiro de Antanho*, p. 345.

(22) Ida Pfeiffer — *op. cit.*, p. 30.

As cinco autoras se assemelham por terem saído de suas casas, se afastado da terra em que viviam e, através dos diários, terem exprimido uma necessidade de realização pessoal. Ainda dois elementos ligam as autoras — são todas casadas ou viúvas e os filhos, quando os têm, como a Baronesa de Langsdorff e Ida Pfeiffer, foram mantidos fora das reflexões registradas.

A não ser Ida Pfeiffer, as demais não tinham um objetivo próprio para a realização da viagem. Afastaram-se de casa para acompanhar o marido. Portanto, embora se tenha tomado essas autoras como representantes de mulheres que ampliaram o espaço feminino, na realidade, apenas testemunharam o aumento da importância da família nuclear. A viagem que as afastava de seu país e de seus parentes era feita para transportar para outros locais e para novas circunstâncias o espaço doméstico. De fato, são maiores as diferenças entre as autoras, que as semelhanças. Não só chegaram ao Brasil em momentos diferentes da vida urbana do Rio de Janeiro (1817, 1821, 1835, 1842 e 1846), como tinham, ao desembarcar, idades diferentes (17, 23, 26, ? e 51). Chegaram a um Rio de Janeiro em transformação, absorvendo cada vez mais as funções privativas da família e encontravam-se em fases diferentes da vida. Às aspirações e expectativas de uma mulher nessas idades correspondem formas diferentes de controle social; todavia, nesse período, o estado civil discriminava mais as mulheres que a faixa de idade. A mulher solteira e a casada jovens eram comumente consideradas seres dependentes e incapazes, que o homem precisava proteger. Juridicamente era equiparada ao menor e correspondia, na maioria dos casos, às expectativas criadas socialmente. A viúva, embora com direito a gerir seus bens, continuava a por em prática as deliberações de um representante masculino da família; o pai, o marido, o amigo ou o filho⁽²³⁾. Três das autoras eram francesas, uma era inglesa e uma austríaca. O que talvez mais as diferenciava eram os níveis econômicos e sociais. A Baronesa de Langsdorff provinha da nobreza e Langlet-Dufresnoy da camada média inferior. Ida Pfeiffer, Rose de Freycinet e Maria Graham poderiam ser classificadas em posições intermediárias, em escala ascendente. Maria Graham morreu como Lady Calcott, mas não provinha de família nobre⁽²⁴⁾.

Todas escreveram diários de viagem, mas eles se distinguiram por seus objetivos. Dois se aproximavam do diário íntimo — do registro de acontecimentos como forma de auto-expressão ou reflexão a respeito de fatos e sentimentos, não destinados à publicação (Rose de Freycinet e a Baronesa de Langsdorff). Expressaram suas experiências, sem pretender que suas palavras transbordassem o espaço privado; — é uma segunda geração de descendentes que publica (que permite a passagem para o domínio público, das experiências registradas). Estes dois poderiam ser considerados documentos pessoais, equivalentes a um solilóquio ou à cor-

(23) Léon Abesour — *La femme et le féminisme avant la Révolution*.

(24) Maria Graham — *op. cit.*, p. 30.

respondência entre duas pessoas do mesmo universo. A transgressão de Rose de Freycinet, ao embarcar às escondidas da família e das autoridades, não foi acrescida pela publicação de suas proezas. Escreveu o diário para partilhar com uma prima (a família consanguínea), o que lhe fosse ocorrendo. Manteve-se omissa e retornou a seu papel no interior da casa, depois da volta à Europa, não tendo sido punida pelas autoridades, pois não se acreditou que sua audácia pudesse estabelecer um precedente. A Baronesa de Langsdorff manteve-se estritamente na esfera privada — desempenhou o papel de acompanhante do marido, na função de embaixador plenipotenciário e foi no desempenho dessa função complementar que se afastou temporariamente dos filhos. Seu diário permaneceu inédito até 1954 e manteve oculto o seu prenome. Até em solilóquio, conserva-se como a esposa do Barão Émile de Langsdorff.

Os diários de Maria Graham e Ida Pfeiffer, ao contrário, foram escritos para publicação. As duas eram viúvas, de 36 e 51 anos, com ambições de realização fora do domínio familiar. A primeira dá maior teor político e, a segunda, um teor geográfico e etnológico às obras, mas ambas deixam aflorar, de diferentes maneiras, a limitação dos domínios a que tinha acesso ou que lhes estavam reservados. Ainda que a condição de mulher viúva e de meia idade lhes assegurasse uma posição menos cerceada, sempre tiveram de recorrer à proteção ou pelo menos à companhia de representantes diplomáticos e compatriotas.

Já a Langlet-Dufresnoy não escreveu um diário, mas um livro de aventuras, para coroar as diversas atividades desempenhadas pela autora, para ganhar a vida. O relato de seus sofrimentos compõe-se da intercalação dos padrões femininos convencionais (desde a perda do prenome à adoção dos valores de ordem e poupança da administração doméstica), a condições adversas, em ambientes pitorescos. Acompanhou o marido e partilhou de sua conquista da fortuna desde o casamento, aos 16 anos. Ao ficar viúva, nos sertões brasileiros, foi protegida por autoridades locais, tendo apelado para representantes diplomáticos da França.

No texto das obras de Maria Graham (1821) e da Baronesa de Langsdorff (1842) aparecem transcrições do que ouviram sobre a livre escolha dos cônjuges, no Brasil. Maria Graham constatou que até aquele momento, era rara a livre escolha⁽²⁵⁾ e a Baronesa conta que a governanta das princesas imperiais considerava uma diminuição de posição, a necessidade de uma nobre agradar o futuro marido⁽²⁶⁾. Aparentemente, na primeira metade e no final do período considerado (1800-1850), as européias já se casavam por amor e observavam a situação no país visitado como atrasada, em relação à forma de constituição da família conjugal que conheciam.

(25) Maria Graham — *op. cit.*, pp. 344-345.

(26) Langsdorff — *op. cit.*, p. 84.

Principalmente nas obras de Rose de Freycinet, de Langlet-Dufresnoy e da Baronesa de Langsdorff aparece com certa nitidez a reprovação que sentiram por terem rompido a esfera privada com a viagem e a consciência de que tinham sobreposto a vida conjugal a ligações muito fortes com pais e parentes. Na verdade, embora tenham transposto os padrões impostos pela sociedade global e pela família consanguínea, realizando a viagem (o distanciamento) e escrevendo os livros (transpondo os umbrais do isolamento familiar), as autoras incorporaram esses padrões, tanto que os trazem implícitos, em seus textos.

BIBLIOGRAFIA

- ABENSOUR, Léon. *La Femme et le Féminism avant la Révolution*. Paris, Éditions Ernert Leroux, 1923.
- ALMEIDA PRADO, J.F. *Tomas Ender: pintor austríaco na corte de D. João VI no Rio de Janeiro. Um episódio de formação de classe dirigente brasileira, 1817/1818*. São Paulo, Editora Nacional, 1955.
- ARAGO, J.E.V. *Souvenirs d'un avengle — Voyage autour du Monde*. 3 vols., Paris, Hortet et Ozane, éditeur, 1839.
- ARIÉS, Philippe. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Regime*. Paris, Librairie Plon, 1960.
- FREYCINET, Rose de. *Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet d'après le manuscrit original accompagnée de par Charles Duplomb*. Paris, Société d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1927.
- FOURASTIÉ, Jean. *Para uma moral prospectiva*. Tradução de Antonio Serrão. Lisboa, Moraes Editores, 1968.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Tradução e notas de Américo J. Lacombe. São Paulo, Editora Nacional, 1956.
- LANGLET-DUFRESNOY, Mme. *Quinze Ans au Brésil ou Excursion a la Diamantine*. Avec préface par Mr. Paul Le Gay. Bordeaux, Imprimerie de G. Chariol, 1861.
- LANGSDORFF, Baronne É. de. *Journal de la Baronne É. de Langsdorff relatant son voyage au Brésil à l'occasion du mariage de S. A. R. le Prince de Joinville, 1842-1843*, S/1, Les Amis des Musées de la Marine, 1954.

- PFEIFFER, Ida. *Voyage d'une femme autour du monde*. Traduit de l'allemand avec l'autorisation de l'auteur par W. Suckau. Paris, Librairie L. Hachette et Cie., 1858.
- SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826). Huma vez e nunca mais. Contribuições de um diário para a história atual, os costumes, especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil*. Tradução de Emmy Dodt e Gustavo Barroso. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1943.
- SIMMEL, Georg. *Cultura Feminina*. Trad. del alemán por Eugenio Imaz, José R. Perez Bances, M. G. Morente e Fernando Vela. 5.^a ed., Buenos Aires, Espasa-Calpe, S.A., 1946.
- TAUNAY, Affonso d'E. *Rio de Janeiro de Antanho. (Impressões de viajantes estrangeiros)*. São Paulo, Editora Nacional, 1942.
- VERISSIMO, José. *A Educação Nacional*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1906.
- VICINUS, Martha (ed.). "Suffer and be Still: Women in the Victorian Age", pp. 173-206, *apud* Yale University: *Bibliography on Women's Studies* (mimeog.).